

## UMA QUESTÃO PESSOAL

LEE CHILD

# UMA QUESTÃO PESSOAL

Tradução de  
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

*Para Andrew Grant e Tasha Alexander,  
o meu irmão e a minha cunhada:  
ótimos escritores e ótimas pessoas.*

## UM

Há oito dias, a minha vida era feita de altos e baixos. Uns momentos bons. Outros não tão bons. A maior parte, monótonos. Longos períodos lentos em que não se passava nada de especial, com irrupções ocasionais de qualquer coisa. Como o próprio exército. E foi assim que me encontraram. Podemos deixar o exército, mas o exército nunca nos deixa. Pelo menos, para sempre. Pelo menos, completamente.

Começaram à procura dois dias depois de um tipo qualquer ter alvejado o presidente da França. Vi isso no jornal. Uma tentativa de longe, com uma espingarda. Em Paris. Não teve nada que ver comigo. Eu estava a mais de nove mil e seiscentos quilómetros de distância, na Califórnia, com uma rapariga que conheci num autocarro. Ela queria ser atriz. Eu não. Por isso, depois de quarenta e oito horas em LA, ela seguiu o caminho dela e eu segui o meu. Enfiei-me outra vez no autocarro, primeiro até São Francisco, onde fiquei dois dias, depois até Portland, Oregon, onde estive mais três, e, a seguir, até Seattle. O que me fez passar perto de Fort Lewis, onde saíram do autocarro duas mulheres de uniforme. Deixaram ficar um exemplar do *Army Times*, já com um dia, no banco mesmo do outro lado do corredor.

O *Army Times* é um jornal antigo e estranho. Começou a ser publicado antes da Segunda Guerra Mundial e continua pujante, a sair todas as semanas, cheio de notícias fora de prazo e de diversos artigos práticos, como o cabeçalho que se encontrava de frente para mim naquele preciso instante: *Novas Regras! Mudanças nos Distintivos e*

*nas Insignias! E Também Mais Quatro Mudanças a Caminho nos Uniformes!* Segundo reza a lenda, as notícias já passaram da validade por serem copiadas de resumos noticiosos antigos da Associated Press, mas, se lermos as palavras de forma enviesada, apercebemo-nos às vezes de um tom verdadeiramente sardónico nas entrelinhas. De vez em quando, os editoriais são arrojados. E, de vez em quando, os obituários são interessantes.

E foi essa a única razão que me levou a pegar no jornal. Às vezes, as pessoas morrem e ficamos contentes. Ou não. Seja como for, precisamos de saber. Mas eu nunca cheguei a saber. Porque, a caminho dos obituários, dei com os anúncios pessoais. Que, como sempre, eram quase todos de veteranos à procura de outros veteranos. Dezenas de anúncios, sempre iguais.

Incluindo um com o meu nome.

Ali mesmo, no centro da página, uma caixa de uma coluna, seis palavras a negrito: *Jack Reacher, ligue a Rick Shoemaker.*

O que só podia ser coisa de Tom O'Day. O que, mais tarde, me fez sentir um bocadinho foleiro. Não que O'Day não fosse um tipo esperto. Tinha de ser. Tinha sobrevivido bastante tempo. Imenso tempo. Já andava neste mundo há uma eternidade. Há vinte anos, já parecia ter cem. Um homem alto e magro, macilento e cadavérico, que se mexia como se se pudesse desmoronar a qualquer momento, como um escadote partido. Não correspondia à ideia que se tem de um general do exército. Parecia mais um professor. Ou um antropólogo. Não havia dúvida de que o raciocínio dele tinha feito sentido. *Reacher quer passar sempre despercebido, por isso anda de autocarro e comboio e em salas de espera e diners, que, por coincidência ou não, são o habitat económico natural dos praças, que compram o Army Times primeiro do que qualquer outra publicação no armazém militar e que, tão certo como dois e dois serem quatro, fazem circular o jornal de um lado para o outro, como os pássaros espalham as sementes das bagas.*

E, tão certo como dois e dois serem quatro, sabia que eu iria pegar no jornal. Algures. Mais cedo ou mais tarde. Acabaria por o fazer. Porque precisava de saber. Podemos deixar o exército, mas o exército nunca nos deixa. Pelo menos, completamente. Em termos de meio de comunicação, de forma de estabelecer contacto, do que ele

sabia, e pelo que podia imaginar, talvez achasse que dez ou doze semanas consecutivas de anúncios pessoais pudessem dar origem a uma pequena, mas realista, hipótese de sucesso.

Mas funcionou logo à primeira. Um dia depois de o jornal ter sido publicado. E foi por isso que, mais tarde, me senti foleiro.

Fui previsível.

Rick Shoemaker era o menino bonito de Tom O'Day. Provavelmente, já seria o número dois dele. Era tranquilo ignorar a coisa. Só que eu devia um favor a Shoemaker. E era evidente que O'Day sabia. E foi por isso que pôs o nome de Shoemaker no anúncio.

E era por isso que eu iria ter de responder.

Previsível.

Seattle estava seca quando saí do autocarro. E quente. E ativa, no sentido em que o café andava a ser consumido em quantidades colossais, o que fazia com que fosse o meu género de cidade, e no sentido em que havia *hot-spots wi-fi* e aparelhos portáteis por tudo o que era sítio, o que já não fazia, e tornava difícil encontrar cabinas telefónicas nas esquinas, à moda antiga. Mas havia uma ao pé do mercado do peixe e, por isso, fiquei ali parado, no meio da brisa salgada e do cheiro do mar, e liguei para um número grátis do Pentágono. Não era um número que viesse na lista telefónica. Era um número que tinha decorado há muito tempo. Uma linha especial, só para emergências. Não temos sempre uma moeda no bolso.

A telefonista atendeu, pedi para falar com Shoemaker e transferiram-me a chamada, talvez para outra parte do edifício, ou do país, ou do mundo, e, a seguir a uma série de cliques e silvos e alguns longos minutos de completo silêncio, Shoemaker surgiu na linha e disse:

— Sim?

— Fala Jack Reacher — disse eu.

— Onde está?

— Não têm uma data de máquinas automáticas capazes de vos dizer isso?

— Sim — respondeu ele. — Está em Seattle, numa cabina telefónica ao pé do mercado do peixe. Mas preferimos que sejam as pessoas a disponibilizar essa informação voluntariamente. Achamos que

isso faz a conversa subsequente correr melhor. Porque já estão a colaborar. Já estão investidas.

— Em quê?

— Na conversa.

— E nós estamos a conversar?

— Não propriamente. O que é que vê mesmo à sua frente?

Olhei.

— Uma rua — respondi.

— À esquerda?

— Sítios para comprar peixe.

— À direita?

— Um café do outro lado do semáforo.

— Nome?

Respondi-lhe.

E ele disse:

— Entre lá e fique à espera.

— De quê?

— Uns trinta minutos — retorquiu ele e desligou.

Ninguém sabe ao certo por que razão o café é tão importante em Seattle. É um porto, por isso, se calhar, fazia sentido torrâ-lo perto do sítio onde o descarregavam e, a seguir, vendê-lo perto do sítio onde o torravam, o que criou um mercado, o que trouxe outros agentes, do mesmo modo que os fabricantes de automóveis acabaram todos em Detroit. Ou, se calhar, a água é a ideal. Ou a elevação, ou a temperatura, ou a humidade. Mas, seja lá qual for o caso, o resultado disso é um café em cada esquina e uma conta anual de quatro dígitos para um verdadeiro entusiasta. O café do outro lado do semáforo, em frente à cabina telefónica, era exemplar. Estava pintado em tons *bordeaux*, tinha os tijolos à vista, madeira riscada e um menu num quadro de giz, em que para aí noventa por cento das coisas não tinham, no fundo, nada que ver com café, como laticínios de vários géneros e temperaturas, aromatizantes esquisitos com base em frutos secos e muitos outros poluentes variados. Pedi uma mistura da casa simples, só café, sem açúcar, num copo para levar de tamanho médio, e não o gigantesco balde de que algumas pessoas gostam, uma

fatia de bolo de limão para acompanhar, e sentei-me sozinho numa cadeira de madeira dura, numa mesa para dois.

O bolo durou cinco minutos e o café outros cinco. Passados dezoito minutos, apareceu o homem de Shoemaker. O que queria dizer que era da marinha, já que vinte e oito minutos era bastante rápido e a marinha fica ali mesmo em Seattle. E o carro era azul-escuro. Normal, americano, sem nada de especial e não muito desejável, mas bastante bem polido. Quanto ao tipo, estava mais perto dos quarenta do que dos vinte e tinha um ar de duro. Vinha à paisana. Usava um *blazer* azul por cima de um polo azul e umas calças cor de caqui largas. O *blazer* já estava coçado e as calças já tinham sido lavadas mil vezes. Provavelmente, um sargento-chefe. Quase de certeza, das forças especiais, um SEAL, que fazia sem dúvida parte de alguma operação conjunta nebulosa supervisionada por Tom O'Day.

Entrou no café e, com uma expressão neutra, sondou-o de imediato de uma ponta à outra, como se tivesse um quinto de segundo para identificar aliados ou inimigos antes de começar a disparar. Obviamente, o *briefing* que tinha recebido tinha sido básico e verbal, mas percebeu logo quem eu era graças aos *dois metros e cento e quinze quilos*. Todas as outras pessoas que lá estavam eram asiáticas, sobretudo mulheres e muito pequenas. O tipo avançou direito a mim e perguntou:

— Major Reacher?

Eu respondi:

— Já não.

E ele retorquiui:

— Senhor Reacher, nesse caso?

Respondi:

— Sim.

— O general Shoemaker pede que o senhor me acompanhe.

Perguntei:

— Até onde?

— Aqui perto.

— Quantas estrelas?

— Não estou a compreender.

— Quantas estrelas tem o general Shoemaker?

- Uma, senhor Reacher. Brigadeiro-general Richard Shoemaker.  
— Quando?  
— Quando o quê, senhor Reacher?  
— É que foi promovido?  
— Há dois anos.  
— E acha isso tão extraordinário como eu?  
O tipo hesitou uns segundos e respondeu:  
— Não tenho opinião, senhor Reacher.  
— E como é que anda o general O'Day?  
O tipo hesitou outra vez uns segundos e respondeu:  
— Não conheço ninguém chamado O'Day, senhor Reacher.

O carro azul era um *Chevrolet Impala* com tampões de rodas de carro da polícia e assentos de tecido. O que tinha de mais novo era o lustro. O tipo do *blazer* levou-me pelas ruas da baixa e apanhou a I-5, na direção sul. O mesmo caminho que o autocarro tinha feito ao entrar na cidade. Voltámos a passar pelo Boeing Field e outra vez pelo Aeroporto Sea-Tac, seguindo para Tacoma. O tipo do *blazer* não falou. Nem eu. Ficámos os dois ali mudos e calados, como se estivéssemos numa competição para não falar e quiséssemos muito ganhar. Espreitei pela janela. Era tudo verde, as colinas, o mar e as árvores.

Passámos Tacoma e abrandámos antes de chegar ao sítio onde as mulheres de uniforme tinham saído do autocarro, deixando lá ficar o exemplar do *Army Times*. Virámos na mesma saída. Segundo as placas de sinalização, a única coisa que havia adiante eram três terrinhas muito pequenas e uma base militar muito grande. Portanto, havia grandes probabilidades de nos estarmos a dirigir para Fort Lewis. Mas, afinal, não estávamos. Ou até estávamos, tecnicamente, mas não teríamos estado nos velhos tempos. Estávamos a dirigir-nos para o que dantes era a Base de McChord da força aérea e agora correspondia à metade de alumínio da Base Conjunta de Lewis-McChord Reformas. Os políticos são capazes de tudo para poupar uns tostões.

Estava à espera de um pequeno diálogo junto ao portão, já que este pertencia conjuntamente ao exército e à força aérea, o carro e

o condutor eram ambos da marinha e eu não era absolutamente ninguém. Só faltavam os Marines e as Nações Unidas. Mas o poder de O'Day era tal que mal tivemos de abrandar o carro. Entrámos rapidamente, virámos à esquerda, depois à direita, deram-nos autorização para passar por um segundo portão e, a seguir, o carro já se encontrava em plena pista, parecendo minúsculo ao lado de enormes aviões de transporte *C-17*, como um rato numa floresta. Passámos por baixo de uma asa cinzenta gigantesca e seguimos pelo alcatrão desimpedido, em direção a um pequeno avião branco que estava parado, sozinho. Uma coisa empresarial. Um jato para negócios. Um *Lear*, ou um *Gulfstream*, ou lá o que for que as pessoas ricas comprem hoje em dia. A tinta tremeluzia ao sol. Não tinha nada escrito, tirando uma matrícula. Não havia nome nem logótipo. Só tinta branca. Os motores giravam lentamente e as escadas já estavam descidas.

O tipo do *blazer* fez um meio círculo preciso à volta do avião e parou com a minha porta a cerca de um metro do início das escadas. O que eu interpretei como uma dica. Saí do carro e deixei-me ficar ao sol uns instantes. A primavera tinha começado e o tempo estava agradável. Ao meu lado, o carro arrancou. Um assistente de bordo surgiu por cima de mim, na boquinha oval da cabina. Estava de uniforme. E disse:

— Faça o favor de subir.

As escadas cederam um bocadinho sob o meu peso. Baixei a cabeça para entrar na cabina. O assistente afastou-se à minha direita e, à esquerda, outro tipo de uniforme saiu do *cockpit* e disse:

— Bem-vindo a bordo. O senhor tem ao seu dispor neste voo uma tripulação composta exclusivamente por membros da força aérea e vamos fazê-lo chegar num instante.

— Chegar onde? — retorqui.

— Ao seu destino.

O tipo enfiou-se outra vez no lugar dele, ao lado do copiloto, e começaram os dois a verificar os controlos com toda a atenção. Segui o assistente e dei com uma cabina repleta de couro caramelo de manteiga e acabamentos em noqueira. Não havia mais nenhum passageiro. Escolhi uma cadeira ao acaso. O assistente recolheu as escadas, trancou a porta e sentou-se num banco articulado por trás dos pilotos. Passados trinta segundos, já estávamos no ar, a subir imenso.

## DOIS

Calculei que tivéssemos virado para leste ao sair de McChord. Não que houvesse grande escolha. Para oeste, ficavam a Rússia, o Japão e a China, e duvidava que um avião tão pequeno conseguisse fazer distâncias dessas. Perguntei ao assistente para onde íamos e ele respondeu que não tinha visto o plano de voo. O que era uma treta evidente. Mas não insisti. O tipo acabou por se revelar bastante conversador em relação a todos os outros assuntos. Disse-me que o avião era um *Gulfstream IV*, confiscado a um fundo de alto risco corrupto durante um processo federal e reafetado à força aérea para o transporte VIP. E, sendo assim, os VIP da força aérea tinham muita sorte. O avião era fantástico. Silencioso e seguro, com cadeiras sensacionais. Dava para ajustá-las de todas as formas e feitios. E havia café na cozinha. Uma máquina de café de filtro a sério. Disse ao tipo para a deixar ligada, mas que ia fazer eu as viagens para ir buscar mais. Gostou disso. Acho que o considerou um sinal de respeito. Não era mesmo um assistente, obviamente. Era uma espécie de acompanhante-barra-segurança, suficientemente duro para lhe darem esse serviço e orgulhoso por eu o saber.

Espreitei pela janela, primeiro para as montanhas Rochosas, que tinham árvores verde-escuras lá em baixo e neve de um branco ofuscante bem no alto. A seguir, vieram as planícies agrícolas amarelo-torradas, em pequeninos fragmentos de mosaico, lavradas, semeadas e ceifadas repetidamente, sem terem recebido muita chuva. Pelo aspeto dos terrenos, achei que tínhamos passado rapidamente pelo canto do Dakota do Sul e visto um bocadinho do Nebraska antes de

começarmos a sobrevoar o Iowa. O que, tendo em conta as complexidades geométricas dos voos de grande altitude, queria dizer que o mais certo era estarmos a dirigir-nos algures para sul. A curva de menor comprimento entre dois pontos. Uma coisa estranha num mapa de papel plano, mas que faz todo o sentido para um planeta esférico. Íamos a caminho do Kentucky, ou do Tennessee, ou das Carolinas. Ou até da Georgia.

Fomos conversando monotonamente, hora após hora, duas cafeteiras inteiras, e depois o chão aproximou-se um pouco mais. Primeiro, pensei que fosse a Virginia, mas depois percebi que era a Carolina do Norte. Vi duas cidades que só podiam ser Winston-Salem e Greensboro. Estavam à esquerda e a afastarem-se um bocadinho. O que queria dizer que íamos em direção a sudeste. Não havia cidades até Fayetteville. Mas mesmo antes disso vinha Fort Bragg. Que era onde ficava o quartel-general das forças especiais. Que era o *habitat* económico natural de Tom O'Day.

Mais uma vez, enganei-me. Ou até acertei, em termos técnicos, mas só nominalmente. Aterrámos já na escuridão da noite, no que dantes era a Base de Pope da força aérea, que entretanto tinha sido cedida ao exército. Agora era apenas Pope Field, um simples cantinho num Fort Bragg cada vez maior. Reformas. Os políticos são capazes de tudo para poupar uns tostões.

Ficámos a circular em terra durante bastante tempo, minúsculos no meio de uma pista onde cabiam esquadrões de transporte aéreo. Lá acabámos por parar perto de um edifício administrativo pequeno. Vi uma placa que dizia *Comando de Apoio Tático da Equipa de Logística da Unidade 47*. Os motores desligaram-se e o assistente abriu a porta e desceu as escadas.

— Qual é a porta? — perguntei.

— A vermelha — respondeu.

Saí do avião e atravessei a escuridão em frente. Só havia uma porta vermelha. Abriu-se quando cheguei a pouco menos de dois metros dela. Saiu de lá uma rapariga com um fato de saia e casaco preto. Meias de *nylon* escuras. Sapatos bons. Uma rapariga muito nova. Ainda tinha de estar na casa dos vinte. Era loura e tinha olhos verdes e uma cara em forma de coração. Que tinha um grande e caloroso sorriso de boas-vindas estampado.

Disse:

— Chamo-me Casey Nice.

— Casey quê? — retorqui.

— Nice.

— E eu chamo-me Jack Reacher.

— Eu sei. Trabalho para o Departamento de Estado.

— Em D.C.?

— Não, aqui — respondeu ela.

O que até fazia algum sentido. As forças especiais eram o braço armado da CIA, que era o braço prático do Departamento de Estado, e para certas decisões seria preciso que enfiassem todos a mão na massa ao mesmo tempo. E daí a presença dela na base, por mais nova que fosse. Se calhar, era um génio em matéria de políticas. Um prodígio qualquer. Perguntei-lhe:

— Shoemaker está cá?

— Vamos entrar — respondeu ela.

Levou-me para uma sala pequena, com uma janela de vidro inquebrável. Tinha três poltronas, cada uma da sua forma e feitio e todas com um aspeto um bocadinho triste e abandonado. Ela disse:

— Vamos sentar-nos.

— Porque é que eu cá estou? — perguntei.

Ela respondeu:

— Primeiro, tem de ter noção de que tudo o que ouvir daqui para a frente será um segredo confidencial. A punição por uma violação de segurança será dura.

— E porque é que havia de me contar segredos? Nunca me viu na vida. Não sabe nada de mim.

— O seu dossiê já andou por aí. Você já teve uma autorização de segurança. Que nunca foi revogada. Continua preso a ela.

— E posso ir-me embora?

— Preferíamos que ficasse.

— Porquê?

— Queremos falar consigo.

— O Departamento de Estado?

— Concordou com a parte dos segredos confidenciais?

Assenti com a cabeça.

— E o que é que o Departamento de Estado quer de mim?

— Temos determinadas obrigações.

— Em que sentido?

— Alguém alvejou o presidente da França.

— Em Paris.

— Os franceses solicitaram cooperação internacional. Para encontrar o responsável.

— Não fui eu. Estava em LA.

— Nós sabemos que não foi você. Não faz parte da lista.

— Há uma lista?

Não respondeu a isso, a única coisa que fez foi enfiar a mão bem alto, entre o casaco e a blusa, e tirar uma folha de papel dobrada, que me entregou. Estava quente do corpo dela e ligeiramente arredondada. Mas não era uma lista. Era um relatório sumário da nossa embaixada em Paris. Do chefe de base da CIA, presumivelmente. Os pormenores essenciais da coisa.

A distância tinha sido extraordinária. A varanda de um apartamento a mil e quatrocentos metros do local tinha sido identificada como o esconderijo do atirador. Mil e quatrocentos metros era praticamente um quilómetro e meio. O presidente francês estava num pódio ao ar livre, atrás de painéis de vidro espesso à prova de bala. Um material novo e melhorado qualquer. O presidente fora a única pessoa a ver o disparo. Tinha visto um clarão da boca de uma arma, impossivelmente distante, pequeno, lá no alto e bem à esquerda dele, e, passados mais de três segundos completamente perceptíveis, uma estrelinha minúscula e branca tinha aparecido no vidro, como um inseto pálido a pousar. Um tiro de muito, muito longe. Mas o vidro tinha-se aguentado e o som do impacto da bala desencadeara uma reação imediata, com o presidente a ficar soterrado debaixo de um aglomerado de seguranças. Mais tarde, os fragmentos de bala encontrados tinham sido suficientes para calcular que fosse um cartucho de calibre .50 capaz de penetrar material blindado.

Eu disse:

— Não faço parte da lista porque não sou suficientemente bom. Mil e quatrocentos metros é uma distância muitíssimo grande

para um alvo do tamanho de uma cabeça. A bala está no ar três segundos inteiros. É o mesmo que atirar uma pedra para um poço bem fundo.

Casey Nice assentiu e respondeu:

— A lista é muito curta. E é por isso que os franceses estão preocupados.

Mas não tinham ficado logo preocupados. Isso era evidente. Segundo o relatório sumário, tinham passado as primeiras vinte e quatro horas a felicitarem-se por terem aplicado um perímetro tão alargado e pela qualidade do vidro à prova de bala. E depois tinham-se apercebido da realidade e desatado a fazer chamadas de longa distância. Quem conhecia um atirador assim tão bom?

— Tretas — disse eu.

— Que parte? — retorquiu Casey Nice.

— Vocês não querem saber dos franceses. Assim tanto, não. Se calhar, faziam um bocado de barulho, conforme o apropriado, e arranjavam dois estagiários para escrever um trabalho de fim de semestre. Mas esta coisa passou pela secretária de Tom O'Day. Pelo menos, durante uns cinco segundos. O que a torna importante. E, a seguir, já tinham um SEAL em cima de mim num espaço de vinte e oito minutos e depois fizeram-me atravessar o continente num jato privado. É óbvio que tanto o SEAL como o jato já estavam a postos, mas também é óbvio que vocês não faziam ideia de onde eu estava nem de quando ia telefonar, por isso deviam ter uma catrefada de SEAL e uma catrefada de jatos a postos, aqui, acolá, por todo o lado, no país inteiro, dia e noite. Só por via das dúvidas. E quem fala de mim, fala de outros. Isto é uma coisa em força e concertada.

— As coisas iam complicar-se se o atirador fosse americano.

— E porque havia de ser?

— Esperamos que não seja.

— E o que é que eu posso fazer por vocês que justifique um jato privado?

O telefone tocou-lhe dentro do bolso. Ela atendeu, ficou a ouvir e guardou-o novamente. Disse:

— O general O'Day vai explicar-lhe. Já o pode receber.

## TRÊS

Casey Nice levou-me para uma sala no andar de cima. O edifício tinha um ar velho e as coisas que lá estavam pareciam temporárias. E tinha a certeza de que eram. Um tipo como O'Day estava sempre a andar de um lado para o outro. Um mês aqui, um mês acolá, em instalações anónimas por trás de placas que não queriam dizer nada, do género *Comando de Apoio Tático da Equipa de Logística da Unidade 47*. Para o caso de estar alguém a ver. Ou *por* estar alguém a ver, diria ele. Estava sempre alguém a ver. Tinha sobrevivido imenso tempo.

Estava sentado a uma secretária, com Shoemaker numa cadeira ao lado dele, como um bom número dois. Shoemaker tinha envelhecido vinte anos, o que seria de esperar, por já terem passado vinte anos desde a última vez que o vi. Tinha engordado e o cabelo cor de areia estava mais baço e meio grisalho. Tinha a cara vermelha e flácida. Usava um uniforme de combate do exército, com a estrela orgulhosamente exposta.

O'Day não tinha envelhecido nada. Continuava a parecer ter cem anos. Trazia a mesma coisa que sempre trouxera vestida e que era um *blazer* preto desbotado por cima de uma camisola com decote em V, que também era preta e que tinha sido remendada tantas vezes que havia mais remendos do que camisola. O que me levou a crer que a senhora O'Day ainda estava viva e de boa saúde, já que não conseguia imaginar mais ninguém a pegar em agulhas e fios por ele.

O queixo saliente e cinzento de O'Day subiu e desceu, ele fitou-me com olhos mortíços, por baixo das sobrancelhas proeminentes, e disse:

— É bom voltar a vê-lo, Reacher.

Respondi:

— Tem sorte de eu não ter nenhum compromisso urgente. Caso contrário, estava a queixar-me.

Não respondeu. Sentei-me numa cadeira de metal, que calculei que fosse da marinha, e Casey Nice sentou-se ao meu lado, numa cadeira parecida.

O'Day perguntou:

— Ela já lhe disse que isto é tudo segredo?

Respondi-lhe que sim e, ao meu lado, Casey Nice assentiu enfaticamente, como se estivesse muito ansiosa por confirmar que tinha cumprido as ordens ao fazê-lo. O'Day tinha esse efeito nas pessoas.

Perguntou-me:

— Viu o relatório sumário?

Respondi-lhe que sim e Casey Nice assentiu novamente.

Perguntou-me:

— O que acha?

Respondi:

— Acho que o tipo é um bom atirador.

— Também eu — retorquiu O'Day. — Tem de ser, para vender um em um garantido a mil e quatrocentos metros.

O que era típico de O'Day. O método socrático, como lhe chamam na faculdade. Perguntas e respostas de todo o género, num diálogo com o objetivo de trazer a lume verdades implicitamente conhecidas por todos os seres racionais. Disse-lhe:

— Não foi um em um garantido. Foi dois em dois garantido. A ideia da primeira bala era partir o vidro. E a ideia da segunda era matar o tipo. A primeira bala ia sempre estilhaçar-se. Ou, na melhor das hipóteses, sofrer um desvio. Ele estava a postos para disparar outra vez, se o vidro se tivesse partido. Uma decisão de sim ou não numa fração de segundo. Disparar de novo ou ir embora. O que é impressionante. Era um cartucho capaz de penetrar material blindado?

O'Day assentiu.

— Puseram os fragmentos no cromatógrafo gasoso.

— E já temos desse vidro para o nosso presidente?

— Amanhã já vamos ter.

— E era de calibre cinquenta?

— O peso que recolheram chega para que isso seja provável.

— O que faz com que seja tudo ainda mais impressionante. Estamos a falar de uma espingarda grande e pesadona.

— E que se sabe que é capaz de atingir um alvo a um quilómetro e meio. A dois quilómetros e meio, uma vez, no Afeganistão. Por isso, se calhar, mil e quatrocentos metros não são assim tanta coisa.

Socrático.

Respondi:

— Acho que atingir um alvo duas vezes a mil e quatrocentos metros é mais difícil do que atingir um alvo uma vez a um quilómetro e meio ou mais. Tem tudo que ver com o fator repetição. Acho que este tipo tem talento.

— Também eu — retorquiu O'Day. — Acha que ele prestou serviço algures?

— Claro que prestou. Não há outra maneira de se ficar tão bom.

— E acha que ele ainda está a prestar serviço algures?

— Não. Não teria liberdade de movimentos.

— Concordo.

Perguntei:

— E temos a certeza de que ele andava a vender?

— Quais é que são as probabilidades de haver um cidadão rancoroso que, em tempos, também já foi um atirador de nível mundial? O mais provável é que o cidadão rancoroso tenha gasto algum dinheiro no mercado aberto. Se calhar, é um pequeno grupo de cidadãos rancorosos. Por outras palavras, uma facção. O que aumentaria o potencial de despesa.

— E para que é que queremos saber? O alvo era francês.

— A bala era americana.

— Como é que sabemos?

— Pelo cromatógrafo gasoso. Houve um acordo. Há uns anos. Recebeu pouca publicidade. Ou, melhor dizendo, nenhuma. Cada fabricante mistura os metais de forma diferente. Só muito ligeiramente. Mas o suficiente. Como uma assinatura.

— Há muita gente no mundo que compra material americano.

— Este tipo chegou agora à cena, Reacher. É um perfil que nunca foi visto. Foi o primeiro trabalho dele. Está a ganhar nome com isto. E é um pedido brutal. Tem de atingir um alvo duas vezes, e depressa, com um autêntico canhão de calibre cinquenta, a mil e quatrocentos metros. Se conseguir, fica na primeira divisão para o resto da vida. Se falhar, nunca vai sair dos distritais. É um risco muito grande. A parada é muitíssimo alta. Mas ele dispara à mesma. O que quer dizer que *sabia* que ia acertar. Só podia saber. Com toda a certeza, duas vezes, a mil e quatrocentos metros, com confiança absoluta. Quantos atiradores há assim tão bons?

O que era uma pergunta muito boa. Respondi:

— Sinceramente? Da nossa parte? Assim tão bons? Acho que teríamos sorte em ter, em cada geração, um nos SEAL, dois nos Marines e dois no exército. Ao todo, sempre uns cinco a prestar serviço.

— Mas acabou de dizer que ele não está a prestar serviço.

— E, conseqüentemente, outros cinco na mesma linha, da geração anterior, saídos das forças armadas não há muito tempo, suficientemente velhos para andarem perdidos, mas, ao mesmo tempo, suficientemente novos para ainda serem capazes de funcionar. E é para esses que deviam estar a olhar.

— Os seus candidatos são esses? A geração anterior?

— Não estou a ver quem mais é que podia estar à altura.

— E quantos países importantes é que há, em termos dessa atividade?

— Se calhar, somos uns cinco.

— O que, a multiplicar por uma média de cinco candidatos possíveis em cada país, dá vinte e cinco atiradores no mundo inteiro. Concorda?

— Mais coisa, menos coisa.

— Por acaso, não é só mais coisa, menos coisa. Vinte e cinco é mesmo o número preciso e exato de atiradores de elite reformados de que a comunidade mundial dos serviços secretos tem conhecimento. Acha que os respetivos governos os vigiam com atenção?

— De certeza que sim.

— E, conseqüentemente, quantos é que acha que acabariam por ter alibis intocáveis num dia qualquer?

Tendo em conta que seriam vigiados com toda a atenção, arrisquei:

— Vinte?

— Vinte e um — retorquiu O'Day. — Estamos reduzidos a quatro tipos. E o problema diplomático aqui é mesmo esse. Parecemos quatro tipos numa sala, todos a olhar fixamente uns para os outros. Não preciso que essa bala seja americana.

— Não sabemos de um dos nossos?

— A cem por cento, não.

— De quem?

— Quantos atiradores é que conhece assim tão bons?

— Nenhum — respondi. — Não me dou com atiradores.

— E quantos é que já conheceu?

— Um — respondi. — Mas é óbvio que não é ele.

— E sabe isso porque...?

— Ele está preso.

— E sabe isso porque...?

— Fui eu que o prendi.

— Apanhou uma pena de quinze anos, correto?

— Se bem me lembro — respondi.

— Quando?

Socrático. Fiz as contas mentalmente. Muitos anos. Muita água debaixo da ponte. Muitos sítios diferentes, muitas pessoas diferentes. Disse:

— Merda.

O'Day assentiu.

— Há dezasseis anos — disse ele. — O tempo voa mesmo quando nos estamos a divertir, não é?

— Ele já saiu?

— Já saiu há um ano.

— E onde é que está?

— Em casa é que não é.